

VELOX

SINOPSE

O segundo espetáculo da Companhia de Dança Deborah Colker, *Velox*, busca o vigor, a vitalidade, a precisão, o apuro técnico e principalmente a ideia de que o cotidiano, a paixão e o esporte se transformam em movimento coreográfico. Na possibilidade de criar imagens e promover uma discussão estética.

O espetáculo envolve cinco temas que têm como fio condutor o estudo do movimento: Mecânica, Cotidiano, Alpinismo, Lutas Marciais e Esportes.

RELEASE

O segundo espetáculo da Companhia de Dança Deborah Colker, *Velox*, busca o vigor, a vitalidade, a precisão, o apuro técnico e principalmente a ideia de que o cotidiano, a paixão e o esporte se transformam em movimento coreográfico. Na possibilidade de criar imagens e promover uma discussão estética.

O espetáculo envolve cinco temas que têm como fio condutor o estudo do movimento: Mecânica, Cotidiano, Alpinismo, Lutas Marciais e Esportes.

Mecânica – Peso, equilíbrio, oposição, geometria. Traduzidas em linguagem coreográfica, as forças centrífuga e centrípeta, princípios básicos do movimento, se materializam no espaço cênico. Seis pás giratórias de 3m de diâmetro, posicionadas na vertical, remetem à passagem do tempo e às engrenagens da mecânica do movimento.

Cotidiano – Um turbilhão de gestos e movimentos, repentinos e repetitivos, se interpõe na cena. Ordinários, corriqueiros, cotidianos, carregados de intenção mas recortados de seus contextos, eles evocam o drama, a tragédia, a comédia, o lúdico, o patético, numa babel de diálogos mudos que parece dar vida e movimento a um quadro expressionista. As pás ainda giram, nervosas. Estridente e turbulento, o som mistura ruídos de rua, chiados de rádio, sirenes, diálogos desconexos.

Alpinismo – A busca do equilíbrio absoluto, obsessão de todo bailarino, é levada ao paroxismo no quadro final de *Mix*. O *passé relevé*, a pirueta *arabesque* com *relevé*, o *fouetté* dão lugar aqui a um impressionante balé aéreo que deixa a plateia com a respiração suspensa. O chão verticaliza-se e, num desafio à lei da gravidade, os bailarinos da companhia dançam com irretocável desenvoltura numa parede cenográfica de 6,60m de altura por 8,40m de largura.

Lutas Marciais – Estuda a força do movimento, a beleza coreográfica desta linguagem que relaciona o homem e a natureza. Na técnica do Kung Fu está presente a estética, respiração, controle e força.

Esportes – Fala sobre matemática, repetição, treinamento físico e a beleza dos corpos em estado de vibração, vigor e desafio. O bailarino, o atleta que cria todas as possibilidades físicas para não deixar a bola cair.

ROTEIRO

1. Ostinato
2. Cotidiano
3. Sonar
4. Alpinismo
5. Kung Fu
6. Atletismo
7. Jogo

CRÉDITOS

Criação, Coreografia e Direção **DEBORAH COLKER**
Direção Executiva **JOÃO ELIAS**

Direção de Arte e Cenografia **GRINGO CARDIA**
Direção Musical **BERNA CEPPAS**
Desenho de Luz **JORGINHO DE CARVALHO**
Figurinos **YAMÊ REIS**

Elenco **ALINE MACHADO, BIANCA LOPES, DILO ALBERTO, FILIPI ESCUDINE, ISADORA AMORIM, JAIME BERNARDES, JOSÉ RAMOS, OLIVIA PUREZA, ORLANDO LIMA, PHELIPE CRUZ, PILAR GIRALDO, ROSINA GIL, SHEILA LOKIEC, UATILA COUTINHO, VITOR VARGAS**

Direção de Produção **GLEDSON TEIXEIRA**
Produção **RITA FAUSTINO SALGADO**
Assistente de Produção **GABRIELA NEWLANDS**

Fotografia **FLAVIO COLKER**
Vídeo **PAULO SEVERO**
Projeto Gráfico **FRITO STUDIO**

Assistente de Direção e Coreografia **JACQUELINE MOTTA**
Ensaaiadores **JACQUELINE MOTTA , JOSÉ RAMOS**

Professores de Ballet Clássico **ERIC FREDERIC, JOSÉ RAMOS, NORA ESTEVES, SERGIO LOBATO**
Professores de Dança Contemporânea **DEBORAH COLKER, EDNEY D'CONTI, LAVINIA BIZZOTTO**

Assistentes de Cenografia **AFONSO TOSTES**
Assistente de Iluminação **CÉSAR RAMIRES**
Assistentes de Figurinos **ANA PAULA ESPINOZA**
Sapatos **CAPEZIO**

Operador de Luz **PEDRO FORJAZ**
Maquinista **GILMAR RODRIGUES, THIAGO MERIJ**
Camareira **ELIUMA SILVA**

Ortopedista **DANIEL RAMALLO**
Emergência Ortopédica **MARCO ANTONIO ROCHA AFONSO | HOSPITAL SÃO LUCAS**

Consultoria Jurídica **ERNESTO PAULOZZI JR. ADVOGADOS ASSOCIADOS, SIQUEIRA CASTRO ADVOGADOS**
Financeiro e Administrativo **MIRIAM FURTADO**
Arquivo e Enquadramento de Projetos **ISRAEL OLIVEIRA**
Manutenção **ISAÍAS LAGO BASTOS**
Serviços Gerais **ROMÁRIO SOUZA**

Realização **JE PRODUÇÕES LTDA.**
Duração **50 MINUTOS**
Classificação **LIVRE**

Mantenedora **PETROBRAS**
Patrocínio **PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO / SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA**

*A PETROBRAS APRESENTA A COMPANHIA DE DANÇA DEBORAH COLKER QUE CONTA COM O PATROCÍNIO DA
PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO / SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA*

MIDIA

FOTOS

Para uso da imprensa

<https://www.flickr.com/photos/ciadeborahcolker/sets/72157663351205949/>

VIDEO

Cenas de 3 min HD, no formato .AVI para elaboração de reportagens televisas

<https://www.dropbox.com/s/0a41c47cjjly2j3/Cenas%20VELOX%20-%202023.05.13.avi?dl=0>

A COMPANHIA

Em 1994, a COMPANHIA DE DANÇA DEBORAH COLKER subia à cena pela primeira vez em circunstâncias no mínimo incomuns para uma trupe estreante. No palco Theatro Municipal do Rio de Janeiro, um dos mais importantes do país, dividindo a noite com o Momix, o cultuado grupo de Moses Pendleton, na edição inaugural da mostra *O Globo em Movimento*, que se tornaria referência obrigatória no panorama brasileiro da dança.

Vulcão, o espetáculo de estreia, fez jus ao nome. Mas a grande explosão viria no ano seguinte com *Velox*, que em apenas seis meses contabilizava 55 mil espectadores. Um fenômeno que renderia à companhia uma estabilidade precoce. Em 1996, apenas dois anos depois de vir ao mundo, a CIA DEBORAH COLKER recebia patrocínio exclusivo da Petrobras e ocupava sede própria. No mesmo ano, fazia sua primeira estreia mundial em território estrangeiro. Montado especialmente para a prestigiosa Bienal de Dança de Lyon, *Mix* cuidaria de projetar internacionalmente o trabalho da companhia carioca, e, cinco anos mais tarde, teria sua excelência chancelada pela Society of London Theatre, arrebatando, na categoria "Outstanding Achievement in Dance" (realização mais notável em dança), o Laurence Olivier Award 2001 – honraria jamais concedida a um artista ou grupo brasileiro.

De lá para cá, a CIA DE DANÇA DEBORAH COLKER percorreu quatro continentes apresentando-se em alguns dos palcos mais importantes do mundo, como John F. Kennedy Center (Washington, EUA), Joyce Theatre e New York City Center (Nova Iorque, EUA), Harbour Centre (Toronto, Canadá), Barbican Centre (Londres, Inglaterra), Birmingham Hippodrome (Birmingham, Inglaterra), The Play House e Festival Theatre (Edimburgo, Escócia), Maison de La Dance (Lyon, França), Centro Cultural de Belém (Lisboa, Portugal), Admiral Spalatz (Berlim, Alemanha), Stopera Muziektheater (Amsterdã, Holanda), Esplanade Theatre (Singapura, Singapura), Hong Kong Cultural Grand Theatre (Hong Kong, China), Macau Cultural Centre (Macau, China), Kanagawa Arts Centre (Tóquio, Japão), Tel Aviv Opera House (Tel Aviv, Israel), Royal Opera House Muscat (Mascate, Omã), Westpac Trust St James Theatre (Wellington, Nova Zelândia), Teatro Nacional Cervantes e Opera Allianz (Buenos Aires, Argentina), entre tantos outros.

Com onze espetáculos na bagagem e sete em repertório, ao longo desses anos, a coreógrafa carioca e sua companhia figuraram com destaque em periódicos influentes como Evening Standard, Metro, The Daily Telegraph, The Guardian, The Independent, The Stage, The Sunday Telegraph, The Sunday Times, The Telegraph, The Times e Time Out (Reino Unido); Danse Conservatoire e Le Figaro (França); Der Tagesspiel, Die Rheinpfalz, Koegler Journal, Thüringer Allgemeine, TLZ | Thüringische Landeszeitung (Alemanha); The Kurrier e Tiroler Tageszeitung (Áustria); New York Times e Washington Post (EUA) e La Nación (Argentina).

O reconhecimento internacional motivou também convites para o desenvolvimento de projetos comissionados fora do Brasil, como foi o caso de *Maracanã*, especialmente encomendado pela FIFA para a Copa do Mundo 2006 (e posteriormente incorporado ao repertório da cia sob o título de *Dinamo*), e *Ovo*, de 2009, uma colaboração de Colker com o Cirque du Soleil. E despertou o interesse de corpos de baile estrangeiros em levar à cena peças do repertório da companhia brasileira de dança – como acaba de fazer o Ballet de l'Opéra National du Rhin, que em novembro de 2014 estreou, sob a direção da própria Deborah Colker, sua montagem de *Nó* – um *turning point* na gramática cênica da CIA DEBORAH COLKER.

Da física do movimento ao balé narrativo

Depois de uma década dedicada ao mergulho investigativo em torno das forças que regem o movimento, gênese da dança, e à construção de um vocabulário que se apropria de movimentos oriundos de outras práticas do corpo, como a moda e os esportes, e incorpora o gesto, síntese do movimento, como elemento de expressão coreográfica, com *Nó* – criação de 2005, que fez sua estreia mundial no Tanzfestival Movimentos, em Wolfsburg, Alemanha –, Deborah Colker e sua trupe inauguram sua busca da dramaturgia. E, sem abandonar as inquietações em torno da relação espaço-movimento que sempre moveram seu impulso criador, começam a atender ao chamado de outra pulsão, igualmente vital: devolver à dança, a mais etérea das artes cênicas, a sua capacidade de atuar como um veículo poderoso para a expressão e a reflexão de questões fundamentais da condição humana.

Uma busca que desemboca na retomada do balé narrativo com *Tatyana*, de 2011, adaptação de um clássico da literatura ocidental – *Evguêni Oniéguin*, romance em versos publicado em 1832 por Aleksandr Púchkin, tido como o pai da literatura russa –, e *Belle*, o balé mais recente da companhia, de 2014, livremente inspirado em *Belle de Jour*, lançado em 1928 pelo escritor franco argentino Joseph Kessel.

Texto: Angela de Almeida

PRÊMIOS

- JORNAL O GLOBO – Os melhores de 1995 na dança – VELOX
- JORNAL DO BRASIL – Os melhores de 1995 na dança – VELOX
- JORNAL O GLOBO – Melhor espetáculo de dança de 1997 – ROTA
- PRÊMIO MINISTÉRIO DA CULTURA – Troféu Mambembe de 1997 – ROTA
- JORNAL DO BRASIL- Melhores espetáculos de dança 1999 – CASA
- PRÊMIO RIO DANÇA 1999 – Melhor figurino, cenografia e iluminação – CASA
- LAURENCE OLIVIER AWARDS – 2001 (Grã-Bretanha) Coreografia do espetáculo – MIX

PRODUÇÕES

- **VULCÃO** (1994)
- **VELOX** (1995)
- **MIX** (1996) montado a convite da Bienal de Dança de Lyon
- **ROTA** (1997)
- **CASA** (1999)
- **4 POR 4** (2002)
- **NÓ** (2005) este espetáculo estreou em Wolfsburg, Alemanha, em parceria com a Autostadt
- **DÍNAMO** (2006)
- **CRUEL** (2008)
- **TATYANA** (2011)
- **BELLE** (2014)
- **VERO** (2016)

NA WEB

ciadeborahcolker.com.br

twitter.com/codeborahcolker

facebook.com/ciadeborahcolker

DEBORAH COLKER >> CRIAÇÃO, COREOGRAFIA E DIREÇÃO

“Não’ e ‘impossível’ são palavras que não têm lugar no meu dicionário.”

Deborah Colker

A declaração, feita de próprio punho, em autorretrato publicado nos anos 1990 por um periódico carioca não deixa dúvidas sobre o caráter obstinado e desinquieto de Deborah Colker.

Nascida em 1960 no Rio de Janeiro, antes de se aventurar pela dança, dedicou 10 anos (dos 8 aos 18) ao estudo do piano clássico, com grandes mestres no instrumento – como Salomea Gandelman, Esther Scliar e Helder Parente –, e outros cinco à prática de um esporte coletivo, o voleibol.

Em 1979, ingressava no Grupo Coringa, da uruguaia Graciela Figueroa, uma das precursoras da dança contemporânea no Brasil. Os oito anos de atuação como bailarina do Coringa, grupo que marcou época na cena carioca dos anos 1980, ajudaram a forjar seu interesse em trabalhar com profissionais de diversas formações e perseguir uma dança capaz de promover uma síntese entre a Arte e o dia a dia do homem comum.

De 1985 a 1994, movimentou na Casa do Minho, no bairro carioca de Laranjeiras, um espaço de dança contemporânea frequentado não apenas por bailarinos, mas também por outros artistas e grupos como a cantora Fernanda Abreu, a banda Kid Abelha e a Intrépida Trupe. Entre aulas diárias e a criação de pequenas peças coreográficas, tinha início ali a pesquisa de movimento que, ao final deste ciclo, daria origem à CIA DE DANÇA DEBORAH COLKER.

Em 1984, a convite de Dina Sfat, atriz de contornos mitológicos na cena teatral brasileira, começou a trilhar o caminho que a levaria a tornar-se uma especialista na arte de urdir gestos e movimentos para as mais diferentes vertentes das artes cênicas e visuais, conquistando prestígio e projeção, materializados em diversos prêmios. Com dezenas de peças teatrais no currículo, imprimiu sua marca de forma tão incisiva em espetáculos como *Escola de Bufões* (de Michel de Ghelderode, dirigido por Moacyr Góes), *Desejo* (Eugene O’Neill, com direção de Ulysses Cruz), *A Serpente* (de Nelson Rodrigues, direção de Antônio Abujamra) e *Sonhos de Uma Noite de Verão* (de William Shakespeare, por Werner Herzog) que o diretor Ulysses Cruz cunhou uma nova expressão para sublinhar a importância de sua contribuição na construção de um espetáculo: diretora de movimento. A rubrica, hoje incorporada ao jargão cênico brasileiro, aplica-se também, e com precisão, ao papel que desempenhou, por exemplo, na criação dos movimentos dos bonecos-cachorros da *TV Colosso* – um marco na programação televisiva infantil brasileira dos anos 1990.

Antes ou depois de fundar, em 1994, a companhia que leva seu nome, Deborah Colker transitará ainda por territórios tão distintos quanto o videoclipe, a moda, o cinema, o circo e o showbiz.

Responsável pelas irresistíveis coreografias da primeira fase da Intrépida Trupe (da fundação do grupo, em 1987, até 1995), emprestou seu talento também a shows e clipes musicais (Fernanda Abreu, Kid Abelha, Fausto Fawcett, Adriana Calcanhoto e a turma do Casseta & Planeta, entre tantos outros artistas e grupos), e à produção cinematográfica brasileira (*Veja Esta Canção*, de Cacá Diegues; *O Mistério de Irma Vap*, de Carla Camurati; e *O Sangue Azul*, de Lírio Ferreira); sem falar em uma infinidade de filmes publicitários.

Em 1995, entrava com o pé direito em duas novas passarelas: a da moda – regendo os movimentos dos modelos da Du Loren e da Riggy, no lançamento de suas coleções de verão, e da grife da estilista Yamê Reis, inaugurada no Phytoervas Fashion, em São Paulo – e a do samba – ao criar a coreografia da comissão de frente da Estação Primeira de Mangueira, merecedora de cinco notas máximas (feito que se repetiria nos dois anos subsequentes). Mais tarde, colaboraria ainda com outras duas grandes agremiações do carnaval carioca: a Unidos do Viradouro (2004 a 2006) e a Imperatriz Leopoldinense (desde 2014).

No ano seguinte, em 1996, dava o primeiro passo no sentido da realização de um antigo sonho: a criação de uma escola de movimento. O empreendimento deu tão certo que, oito anos mais tarde, escola e companhia se fundiam no CENTRO DE MOVIMENTO DEBORAH COLKER, um complexo que ocupa três casarões antigos na Glória, Zona Sul do Rio de Janeiro. Em dez anos de atividade, o CMDC contabilizava 800 alunos, dos 4 aos 70 anos, e dezenas de cursos livres, abrangendo uma gama extensa de modalidades, que vai do ballet clássico ao hip-hop, passando pela dança contemporânea, o circo, a ioga, judô, sapateado, jazz, superflex e profilaxia do movimento.

Avessa a homogeneidades e entusiasta das diferenças, ao fundar sua companhia em 1994, não hesitou em reunir sobre o mesmo linóleo uma trupe formada por dois bailarinos clássicos, três contemporâneos, um campeão de break, uma ginasta olímpica, uma modelo e uma atriz – além dela mesma, àquelas alturas com dez anos de piano clássico e quinze de dança contemporânea na bagagem.

O dom incomum de extrair de cada corpo seu canal de expressão mais pleno e transformá-lo em um instrumento potente e singular de comunicação, fez de Deborah Colker um personagem ao mesmo tempo múltiplo e único no panorama contemporâneo das artes cênicas.

Como coreógrafa, distinguiu-se antes de mais nada pelo reconhecimento do Belo em atividades físicas historicamente alheias ao universo artístico – como a moda, o esporte, a mecânica do movimento e o gestual cotidiano – e pela busca obstinada de sua síntese através da dança. Causaram espécie também suas investidas radicais na criação e exploração de novos planos para a ocupação do espaço cênico, envolvendo manobras de risco para os bailarinos que levavam as plateias ao delírio e fizeram de sua companhia um fenômeno de público sem paralelos na história recente da dança. Popularidade que em momento algum colocou em xeque a excelência de seu trabalho à frente da cia, largamente reconhecida pela crítica internacional, e honrada em 2001 com o Laurence Olivier Award na categoria “Outstanding Achievement in Dance” (realização mais notável em dança) e, cinco anos mais tarde, pelo convite da FIFA para assinar a criação do único espetáculo de dança a figurar na grade de atividades culturais da Copa do Mundo 2006, na Alemanha (*Maracanã*, incorporado mais tarde ao repertório da cia sob o título de *Dinamo*).

O sucesso não abrandaria tampouco sua inquietação artística nem o fascínio quase abismal que nutre por desafios. Pelo contrário. Em 2005, quando sua companhia já havia exibido sua arte em 18 países de quatro continentes, Deborah não se furtou a mudar o curso de sua própria história, iniciando uma jornada em direção à valorização da dramaturgia na construção de seus espetáculos. A guinada lhe rendeu o convite do Cirque de Soleil para criar o novo espetáculo da companhia canadense, *Ovo*, de 2009, uma viagem lúdica pelo mundo dos insetos, e redundou na retomada do balé narrativo pela coreógrafa e no aprofundamento de sua investigação no sentido de tratar as grandes questões humanas através da dança.

Texto: Angela de Almeida

JOÃO ELIAS >> DIRETOR EXECUTIVO

Começou a fazer teatro em Porto Alegre em 1976, mudando-se para o Rio de Janeiro em 1978, onde atuou e produziu diversos espetáculos de Artes Cênicas. Em 1981 foi para Salvador – BA onde atuou pelo Grupo Troca de Segredos, fundou a Casa de Espetáculos “Circo Troca de Segredos”, que durante dois anos apresentou os mais diversos espetáculos musicais da cena brasileira.

De volta ao Rio de Janeiro em 1984 atuou e produziu diversos espetáculos cênicos na cidade. A partir de 1987 até 1992, produziu comerciais e trabalhou na TV Globo em diversos programas jornalísticos. Em 1992 funda a J.E. Produções, empresa responsável por diversos filmes publicitários e videoclipes de importantes artistas brasileiros, além de séries documentais para a TV brasileira.

Em 1994 a J.E. Produções associa-se a Deborah Colker e funda a Cia de Dança que leva seu nome e na qual está presente como associado até hoje.

Em 1997 funda com Belisario Franca a Giros Produções, empresa que nos anos seguintes é responsável pelos mais importantes documentários da TV brasileira.

A partir de 2000 passa a se dedicar exclusivamente a Cia de Dança Deborah Colker.